



PHILADELPHIA, 23 DE AGOSTO DE 1857

Jornal da AFATO, jul.2007, p.3

Gilberto Ottoni Porto

Engenheiro Civil pela Universidade Federal de Minas Gerais, membro fundador e conselheiro do Instituto Histórico e Geográfico do Mucuri

O povoado está em festa. Uma alvorada de foguetes e rojões pipocam por todos os lados acordando seus habitantes e ecoando pelas matas que cercam a fértil planície no encontro dos rios Santo Antônio e Todos os Santos.

No seu carro de quatro rodas tirado a bestas, Teófilo Ottoni entrando triunfante em sua Filadélfia, acaba de inaugurar a primeira estrada de rodagem do Brasil, a bela Estrada de Santa Clara. Foram cinco anos de trabalho árduo para implantar aquela ilha de civilização naquelas inóspitas brenhas.

Aquele local não foi escolhido por acaso. Situado a meio caminho entre Minas Novas e Santa Clara, foi nesta planície que aos 4 de agosto de 1852 Teófilo Ottoni teve a sua primeira conferência com os caciques Poton, Timóteo e Ninkate, da nação dos Naknanuk.

A partir da semelhança do nome, que sugere parentesco, Ottoni consegue de Poton e dos outros caciques autorização para trazer mais parentes àquelas terras.

Este acordo com os índios lembra a ocupação da Pensilvânia nos Estados Unidos pelos primeiros colonos europeus e a sua capital Filadélfia, berço da liberdade e independência americana.

Filadélfia será o nome da sua filha dileta nas matas do Mucuri. O ideal de fraternidade, liberdade e igualdade tem agora o seu lugar. A utopia está em gestação.

Teófilo Ottoni encarrega seu irmão Augusto de fazer roça de milho e, junto com o engenheiro Robert Schlobach, construir as instalações indispensáveis para sediar os armazéns centrais da Companhia do Mucuri. Paulo Pinheiro Chagas assim descreve estes trabalhos:

“A construção da cidade merece de Teófilo Ottoni o maior desvelo. Determina que o irmão Cristiano levante a respectiva planta e esta nada deixa a desejar. Todas as ruas transversais formam ângulos retos com a principal. As praças são largas e arejadas”.

A Companhia do Mucuri ergue os seus armazéns e constrói casas para os funcionários. Instalam-se oficinas diversas: serrarias, carpintarias e olarias. Edifica-se o quartel da guarnição. O mano Augusto, agente local da empresa, é autorizado a conceder terrenos para as residências particulares.

O impossível vai acontecendo. Do fundo daquelas matas agressivas começa a surgir um agrupamento geométrico de casas. Ruas e praças desconhecem a linha sinuosa: são perpendiculares e paralelas das linhas norte-sul, leste-oeste.

A construção das estradas prossegue: a de Santa Clara, a do Alto dos Bois (Minas Novas), a do Peçanha. No relatório de 1855 Teófilo Ottoni podia dizer: “Filadélfia já mostra as feições de um povoado nascente”.

No entanto, em 57 ela era uma esplêndida realidade em plena selva. A afluência de imigrantes dava-lhe a fisionomia de um grande arraial. E de tal modo crescera que, pela Lei n. 808 de 03 de julho desse ano, o Governo Provincial elevava-a a distrito e freguesia da Comarca de Minas Novas. De resto, “estava fada a nunca ser vila, passando de distrito a cidade”, como bem relatou o nosso historiador Reinaldo Ottoni Porto.

A primeira estrada de rodagem do Brasil estava finalmente concluída. Com seus 180 km de extensão ligando o porto fluvial de Santa Clara (aos pés da cachoeira do mesmo nome na divisa de Minas com a Bahia) com a florescente Philadelphia custara cinco anos de incansáveis lutas, sofrimentos e renúncias.

Sua inauguração, reduzindo a menos da metade o tempo gasto pra ir de Minas Novas ao Rio de Janeiro, é um acontecimento fantástico e inacreditável para toda aquela população do Norte-Nordeste de Minas Gerais. Mais uma vez Paulo Pinheiro Chagas assim descreve o magnífico acontecimento:

“Milhares de pessoas caminham dez, vinte, quarenta léguas para assistir aos festejos. Os índios se associam a essa alegria barulhenta, enchendo o arraial com seus alaridos guerreiros. Estrondam os morteiros. Roncam os trabucos. Filadélfia é uma babel de raças e de línguas. São os colonos estrangeiros que a Companhia do Mucuri já instalou aí: alemães, belgas, holandeses, suíços, portugueses e chineses. E são os negros. E são os botocudos. Ritmos saxões. Ritmos africanos.

Ritmos indígenas. Ritmos dos construtores de Filadélfia. As ruas tremem de entusiasmo e, repetido em várias línguas, as velhas carabinas saudando:

Viva Teófilo Ottoni!

E as hostes gentílicas saudando o chefe de todos os caciques.

Pogirum! Pogirum!

Entre aplausos delirantes canta-se um hino apropriado, letra do poeta João Salomé de Queiroga, juiz de direito do Serro, e música do padre José Pacífico Peregrino da Silva, vigário de Minas Novas:

*Irmãos, exultemos: a filha querida
De nossos desvelos já se ergue gentil.
Profusa indeniza nossa áspera lida
Com mil atrativos, louvores aos mil.*

*A foice e o martelo, a serra e o malho,
Irmãos e amigos são nossos troféus,
Gentil Filadélfia nasceu do trabalho,
Bendita dos homens, bendita dos céus.”*

São mais quatro estrofes de grande beleza que, somadas a estas, fazem deste hino magistral que não pode deixar de ser lembrado no dia do seu sesqui-centenário.

É uma grandiosa festa cívico-religiosa. Vários casamentos são realizados neste dia na pequena capela, hoje Catedral, entre os quais o do Capitão Leonardo Esteves Ottoni, irmão do Dr. Manoel Esteves Ottoni, ambos primos de Teófilo Ottoni e que deixaram milhares de descendentes.

Como Brasília, Belo Horizonte, Goiânia e tantas outras cidades projetadas, a data cívica festejada com feriado municipal não é aquela do início de sua construção, mas a da inauguração de sua infraestrutura, com condições mínimas para abrigar seus habitantes.

Esta data, para Filadélfia, hoje Teófilo Otoni, é o dia 23 de agosto, que precisa e deve ser valorizada e comemorada, enriquecendo nosso calendário com festas à altura da liderança da nossa cidade.

Crédito da imagem: Percy Lau. In: CHAGAS, Paulo Pinheiro. *Teófilo Otoni: Ministro do Povo*. 4º ed.rev. aum. Belo Horizonte: Itatiaia, 1982,P.198.